

Uso do computador ainda assusta professores

Pesquisa em escolas municipais do Rio mostra que 53% dos docentes têm dificuldades de lidar com tecnologia

Ruben Berta

Ruben Berta

• Em pleno século XXI, o mundo virtual ainda é um território que causa medo em muitos professores. Uma pesquisa realizada em parceria pela Secretaria municipal de Educação do Rio, pelo Instituto Oi Futuro e pelo Ibope com 5.505 docentes revela que mais da metade deles (53%) admitiu ter dificuldades em lidar com tecnologia na escola por várias razões. Entre 1.532 diretores de colégios entrevistados, a porcentagem também foi de 53%. O levantamento ouviu 25.145 alunos: 40% disseram ter problemas para usar a informática nas unidades de ensino.

— Até há pouco tempo, havia uma relação de poder onde o professor era o detentor da informação. Era uma via de mão única. O que estamos notando agora é que os alunos estão um pouco à frente dos docentes, mais familiarizados com tecnologia. E os professores ainda não estão preparados para a aplicação pedagógica. Esse descompasso revela a necessidade de um processo de treinamento e acompanhamento dos profissionais — comentou o vice-presidente do Instituto Oi Futuro, George Moraes.

Entre os professores, 35% disseram usar bastante a tecnologia em sua profissão, mas admitiram ter dificuldades em aproveitar seu potencial; 11% alegaram simplesmente não usar por falta de habilidade; outros 7% informaram não usar por outros motivos como falta de interesse ou acesso. Já entre os alunos, só 18% disseram usar muito a tecnologia, mas com dificuldades. Apenas 3% assinalaram não usar a informática por falta de habilidade. A maioria, 19%, apontou problemas como falta de interesse ou acesso para não usufruir a tecnologia.

Apesar de acusarem a falta de habilidade, os docentes querem aprender: 83% apontaram os cursos de informática como os mais importantes para o aperfeiçoamento da sua atuação profissional.

A pesquisa foi realizada entre maio e julho do ano passado e só foi divulgada agora, como parte da preparação para um projeto ousado da prefeitura do Rio. Com apoio do Oi Futuro e do Ministério da Educação (MEC), o município começou este ano a implementar em todas as turmas de segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano) um sistema de aulas digitais: o Educopédia. O investimento total é de cerca de R\$ 30 milhões, e o objetivo da Secretaria municipal de Educação é chegar até o segundo semestre com o programa completo em 430 unidades.

Professores já têm projetores nas salas de aula

Atualmente, mais da metade das escolas com segundo segmento já está utilizando as aulas digitais. Foram instalados nas salas de aula projetores em que os professores expõem o conteúdo do site (www.educopedia.com.br). Elementos como vídeos e jogos auxiliam nos conteúdos das disciplinas. Os docentes têm material disponível para uma aula por semana. Na Escola Municipal Epitácio Pessoa, no Andaraí, na Zona Norte, a professora de matemática Maria Helena Ferreira Moreira é uma das entusiastas da tecnologia, mas admite que muitos colegas ainda têm resistência.

— É preciso entender o novo papel de mediador na sala de aula. A tecnologia é um instrumento dinâmico, atrativo, que envolve o aluno e o motiva mais — destacou Maria Helena.

A intenção da Secretaria de Educação é que cada aluno possa realizar as atividades do Educopédia em seu próprio *netbook*. Os equipamentos já começaram a chegar a algumas escolas. Na Epitácio Pessoa, repórteres do GLOBO acompanharam



A PROFESSORA Maria Helena Ferreira Moreira trabalha com o sistema Educopédia, na Escola Municipal Epitácio Pessoa, no Andaraí: Rio está implementando aulas digitais

Editoria de Arte

na última quarta-feira a primeira turma da unidade, de 6º ano, que trabalhou com os computadores. A alegria foi tanta que foi difícil convencer os alunos a irem para o recreio.

A ousadia de colocar um computador para cada aluno emperra em dificuldades. A prefeitura teve que cancelar o contrato de internet de alta velocidade nas escolas porque a empresa não conseguiu cumpri-lo. Até o meio do ano, deve ser feita uma nova licitação. A conexão é fundamental no projeto. Por uma nova plataforma que está sendo desenvolvida, será possível até que cada aluno tenha um caderno virtual, onde poderá responder a provas objetivas, que poderão ser corrigidas automaticamente. Cada estudante já está recebendo uma senha de e-mail que será a sua assinatura no Educopédia.

Computadores chegam, mas são pouco usados

Além da resistência de alguns professores, o uso da tecnologia esbarra em outros problemas. Única unidade da cidade do Rio a ser contemplada com o programa federal Um Computador para Cada Aluno (UCA), a Escola Municipal Madrid, em Vila Isabel, recebeu em 2010 cerca de 340 *netbooks*. No entanto, pouco mais de 30 estão em uso. Desses, três já quebraram.

— Recebemos os computadores, mas só veio um armário especial, usado para carregá-los de energia, cedido pela prefeitura do Rio. Sem esse equipamento, não vamos poder usar mais computadores. A carga é de apenas duas horas — diz a diretora Marina Campos Kicking, que ainda afirma que vem tendo dificuldades com o suporte técnico dos *netbooks*.

Mesmo com dificuldades, duas turmas da unidade já estão trabalhando com os computadores. Numa primeira etapa, professores e agora estudantes estão sendo capacitados. Como cada aluno tem o seu *netbook*, é possível até personalizá-lo.

Na rede estadual do Rio, apesar do alto investimento em tecnologia — com compra de mais de 50 mil laptops e implementação de um sistema que permite o controle de frequência e notas dos alunos de todas as escolas on-line —, o superintendente de Tecnologia da Informação da Secretaria estadual de Educação, Sérgio Mendes, admite que o uso pedagógico é mínimo:

— Esse é o grande desafio. Hoje, temos poucas escolas usando tecnologia para que os professores deem aulas melhores. Vamos avaliar essas iniciativas isoladas para ano que vem implementar um modelo. ■

Conheça os números da pesquisa

A Secretaria municipal de Educação, o Instituto Oi Futuro e o Ibope realizaram entre maio e julho do ano passado uma pesquisa para avaliar a interação da comunidade escolar com tecnologia. Foram preenchidos 32.182 questionários, sendo 1.532 de diretores; 5.505 de professores; e 25.145 de alunos. Confira os destaques do levantamento:

Qual das frases abaixo melhor descreve sua utilização de tecnologias na escola?

■ Uso bastante, mas ainda tenho dificuldade de aproveitar totalmente seu potencial ■ Uso bastante porque me é muito útil ■ Uso bastante quando preciso, sem maiores dificuldades ■ Uso bastante, sem dificuldades, mas não tenho interesse ■ Não uso porque não tenho habilidade ■ Não usa por falta de acesso/interesse/outros

Diretores



Professores



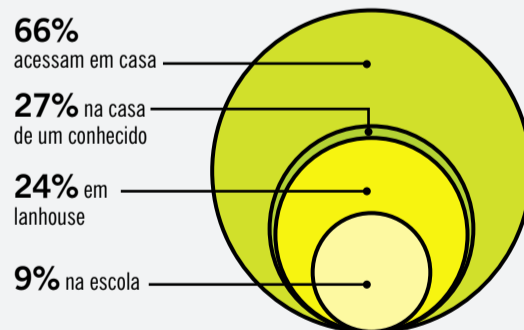
Alunos



APESAR DE ADMITIREM A FALTA DE HABILIDADE, OS PROFESSORES QUEREM APRENDER

83% consideram os cursos de informática os mais importantes para a atuação profissional, à frente de conteúdos específicos de disciplinas (70%); integração de tecnologia nas salas de aula (63%); práticas de ensino (55%); e gestão nas salas de aula (52%).

A habilidade com a tecnologia demonstrada pelos alunos pode ser explicada pela democratização do acesso



CORPO A CORPO

MARTINA ROTH

'O fracasso é importante'

• Diretora de Estratégia, Pesquisa e Política de Educação Global da gigante de tecnologia Intel, a alemã Martina Roth veio semana passada ao Rio para conhecer os projetos desenvolvidos no estado. Ela destaca a importância de o professor ser um aprendiz.

Ruben Berta

O GLOBO: Como a tecnologia está mudando o papel do professor?

MARTINA ROTH: O desafio que há é fazer com que o professor entenda que ele não será tão rápido quanto seus alunos, que ele irá colaborar com os estudantes e poderá ser seu mentor. O professor precisa entender que não sabe tudo. Ninguém sabe tudo, nem o presidente de uma empresa. Ele precisa se tornar um líder. E todo grande líder tem que admitir que não é perfeito. O fracasso

é importante. É preciso calçar os sapatos dos estudantes e criar um projeto como se ele fosse o estudante e parte do time. Tornar-se um aprendiz. Para si mesmo e para os seus alunos.

• Como a tecnologia deve ser vista nas salas de aula? Ela é só mais uma ferramenta?

MARTINA: Sim, a tecnologia é só uma ferramenta. Mas necessária para qualquer profissional. O que temos que fazer é treiná-los, porque há oportunidades infinitas. É preciso mostrar aos professores que é uma ferramenta de criatividade, de desenhar aulas de uma nova forma, voltada para a vida de hoje.

• Como a senhora avalia o Brasil no ramo de tecnologia na educação?

MARTINA: É difícil comparar países, mas é possível avaliar o progresso que

acontece em cada um. E estou impressionada com vocês começaram. Vejo com bons olhos especificamente o Rio, com projetos como o Educopédia, apesar de estar claro que há muito o que fazer. O fundamental para tecnologia em educação é começar. Começar agora, correr um certo risco, mas com vontade de aprimorar no dia a dia, fornecer experiências e aprender com elas.

• Há uma fórmula para dar certo?

MARTINA: Não. Hoje, vemos muita coisa sobre infraestrutura, conectividade. Mas os governantes não devem se limitar a isso. O importante é saber como os alunos estão aprendendo, se os professores estão habilitados e como medir isso em indicadores. E é preciso avaliar em três, cinco anos, quando há resultados substanciais, que medem a sustentabilidade do conceito.